

O MUNDO DOS MORTOS NA QUINTA DE CRESTELOS: PARADIGMA DAS SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DA NECRÓPOLE ESTE

ALEXANDRINA AMORIM*

ANA RORIZ**

SÉRGIO SIMÕES PEREIRA***

ZÉLIA RODRIGUES****

Resumo: *O presente trabalho pretende trazer, à luz do dia, os resultados arqueológicos de uma intervenção decorrente do projeto de Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor (Torre de Moncorvo — Bragança), que contemplou a construção de duas barragens. A Quinta de Crestelos, localizada em Meirinhos, Mogadouro, foi alvo de diversas intervenções arqueológicas, tendo apresentado uma ocupação diacrónica extensa, mais relevante entre a Pré-História recente e a Alta Idade Média. No decurso dos trabalhos foi identificada uma área sepulcral denominada Necrópole Este. Foram identificadas 33 sepulturas escavadas na rocha, 30 orientadas segundo os cânones da Igreja, três sepulturas com orientações distintas. Tipologicamente registam-se sepulturas trapezoidais, antropomórficas, retangulares e com caixa. Apenas 14 sepulturas apresentavam cobertura, variando entre lajes de xisto única ou várias lajes de pequenas e médias dimensões.*

Palavras-chave: *Sepulturas escavadas na rocha; Idade Média; Crestelos.*

Abstract: *The present work intends to bring to light the archaeological results of an intervention resulting from the Baixo Sabor Hydroelectric Project (Torre de Moncorvo — Bragança), which involved the construction of two dams. Quinta de Crestelos, located in Meirinhos, Mogadouro, suffered several archaeological interventions, and have exposed an extensive diachronic occupation, ranging from recent Prehistory to Middle Ages. In a small elevation was identified a sepulchral area, called the East Necropolis. The sepulchral area was well delimited, and were identified and excavated 33 rock-cut graves. The funerary structures denoted a normalization in the orientations, following Christians canons. Typologically, there were identified trapezoidal, anthropomorphic, rectangular and ovaloid rock-cut graves. Some of the graves had preserved an equally diverse type of lids, ranging from small and medium sized shale slabs to single slabs.*

Keywords: *Rock-cut graves; Middle Age; Crestelos.*

* UAUM; CIAS. Email: alexandrina.amorim@gmail.com.

** Email: anaroriz@gmail.com.

*** Email: sergiomspereira71@gmail.com.

**** Email: zelimaria@hotmail.com.

«Haverá paz no túmulo? Deus sabe o destino de cada homem. Para o que aí repousa sei eu que há na terra o esquecimento»¹. Desde tempos imemoriais que o fenecimento fascinou o ser humano, preconizando uma evolução psicológica do género humano, que ao longo dos tempos, irá ocasionar distintas conceptualizações e atitudes perante a morte. Estas perceções originaram um manancial de mecanismos de processamento diferenciados e únicos, representativos de uma memória coletiva, refletindo costumes, crenças e civilizações².

Na história do atual território europeu, o declínio do império romano, aliado a uma lenta e progressiva difusão e afirmação do Cristianismo, demarca um ponto fulcral de viragem na conceptualização do decesso, defendendo a existência de vida para além da morte. Estas mudanças ideológicas de foro religioso terão repercussões nos rituais funerários que acompanham o processo de mudança cultural, passando o corpo a ser encarado como um bem sagrado que não pode ser destruído, tornando-se fulcral a sua preservação para a Ressurreição do indivíduo no dia do Juízo Final³.

Surge assim uma nova preocupação na vida do Homem medieval: a salvação da sua alma individual para poder atingir a *vita aeterna*, sendo que para tal, o cumprimento de certas obrigações no decurso da sua vida física torna-se fundamental. Estas mudanças conceptuais ocasionam, inicialmente circunscrito aos meios urbanos, um fenómeno associado aos *martyria* e santos, que lhes veem serem conferidos «poderes», levando os cristãos a procurarem-nos para que estes intercedessem pela salvação das suas almas. Deste fenómeno nasce o *tumulatio ad sanctos*. Nos séculos seguintes, esta corrente evoluirá e culminará, quer no meio urbano, como rural, para uma *tumulatio appud ecclesia*, momento em que a Igreja procurava afastar os sepultamentos do interior dos templos, perpetuando, no entanto, o sepultamento em solo sagrado, nos adros e nas imediações das igrejas. Esta evolução dogmática e enquadramento sociocultural tem, como seria expectável, repercussões na caracterização das estruturas tumulares, cuja evolução segue o meio sociocultural⁴.

Desta forma, na Península Ibérica, nos últimos séculos da Alta Idade Média e numa época de Reconquista Cristã, num mundo em mudança, surge um fenómeno distinto, as necrópoles compostas por sepulturas talhadas em variados tipos de afloramentos rochosos. Apesar da sua difusão alargada e elevada representatividade, estas estruturas funerárias permanecem monumentos enigmáticos, não sendo consensual a sua classificação quer tipológica como cronológica⁵.

¹ HERCULANO, 1844.

² CUNHA, 1996; DUDAY *et al.*, 1990; LARSEN, 1997, 2000, 2002.

³ DUBY, 2007; ARIÉS, 1987, 1989.

⁴ DUBY, 2007.

⁵ BARROCA, 1987.

Alguns investigadores defendem que estes túmulos terão originado no século VII, considerando as formas arcaicas os sepulcros de contornos regulares, trapezoidais e ovais, que irão, a partir do século VIII até ao IX, evoluir para formas mais complexas, com esboços de antropomorfismo, atendendo a pormenores de acabamento, nomeadamente ao nível da cabeceira e pés⁶.

Nas últimas décadas, foram resgatados vestígios osteológicos humanos destas estruturas tumulares, que tendo sido sujeitas a datações radiocarbónicas, comprovaram um uso diacrónico mais alargado destas realidades, apontando as datas obtidas para balizamentos cronológicos entre os séculos VII-XI⁷.

Assim sendo, com o presente trabalho, pretende-se aportar um pequeno contributo para a discussão acerca deste tipo de monumentos.

Os dados aqui apresentados são provenientes de uma intervenção sistemática realizada na Quinta de Crestelos (cerca de 11 900 m²), que decorreu entre agosto de 2011 e janeiro de 2014, inserida no âmbito do Plano de Salvaguarda do Património do projeto, inserida no âmbito do Plano de Salvaguarda do Património do projeto de Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor.

A Quinta de Crestelos⁸ localizada na margem esquerda do rio Sabor, a sul de Santo Antão da Barca, desenvolveu-se numa plataforma, a cerca de 185 m de altitude, com predomínio sobre a confluência da ribeira do Medal com o rio Sabor e protegida na extremidade norte por uma crista xistosa, com cerca de 160 m de extensão e 220 m de altitude. Topograficamente, a zona envolvente caracteriza-se por elevados contrastes, alternando entre áreas de vale, com pequenas plataformas e encostas com pendentes média e acentuada.

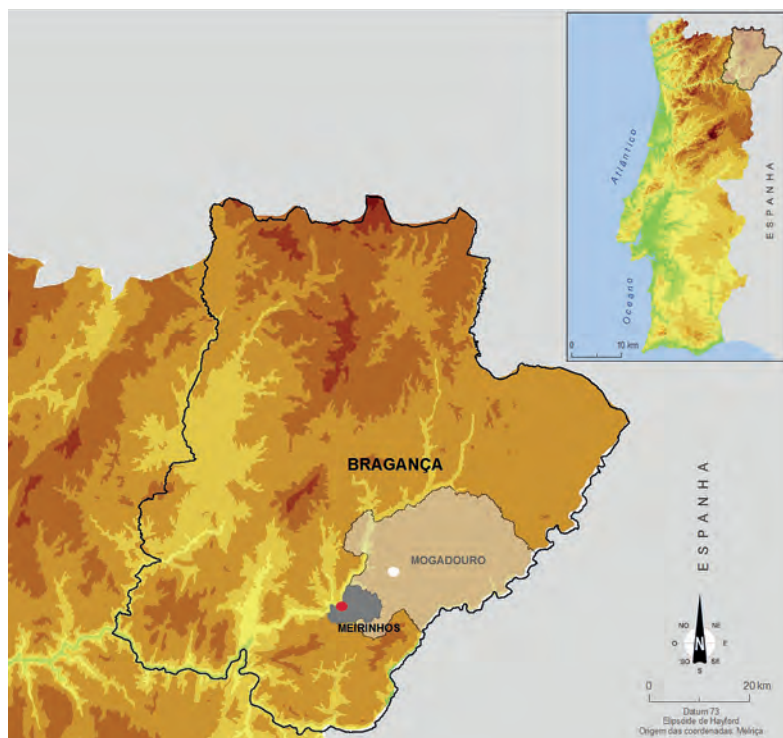
O perfeito enquadramento orográfico, que, concomitantemente fornece proteção natural e uma abundância quer de recursos hídricos, como florestais, formam componentes favoráveis para desenvolver uma ocupação humana prolongada. Esta ocupação foi comprovada arqueologicamente, tendo a intervenção revelado um sítio arqueológico único, com uma longa ocupação diacrónica desde a Pré-História recente até à atualidade, com eventuais fases de abandono. Com maior relevância destacam-se as ocupações do Calcolítico, Idade do Bronze, Idade do Ferro, Romana e Alta Idade Média.

As escavações expuseram um interessante conjunto arquitetónico, composto por estruturas habitacionais e funcionais resultantes de uma complexa evolução e

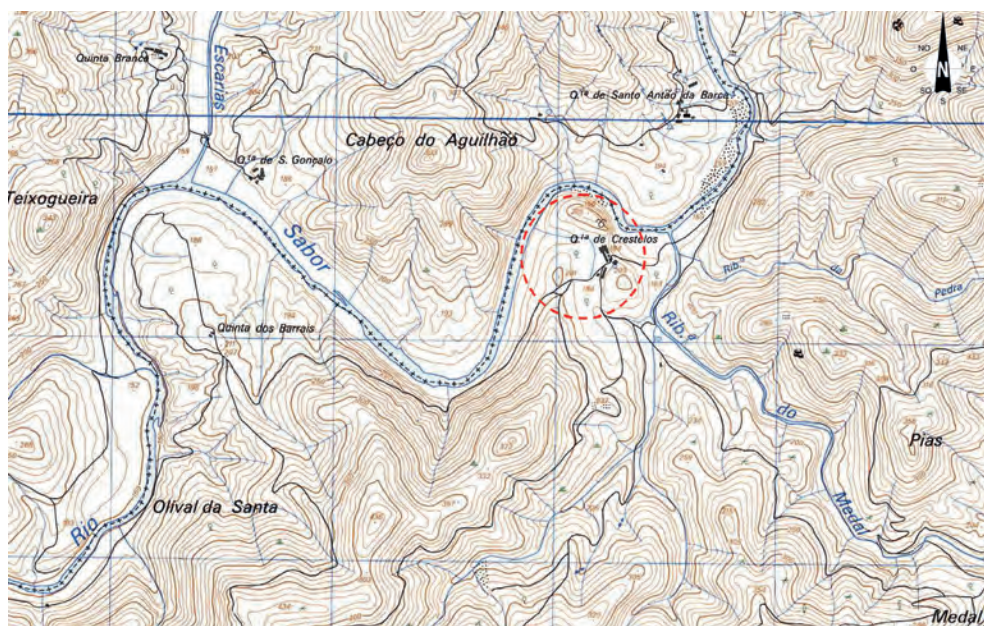
⁶ BARROCA, 1987.

⁷ MARTÍN VISO, 2012a.

⁸ A Quinta de Crestelos encontra-se entre os lugares de Souto da Velha e S. Pedro, na margem oposta ao santuário de Santo Antão da Barca. As coordenadas do sítio segundo a projeção WGS84 são: M: 677067,18; P: 4569201,12. Administrativamente, pertence a freguesia de Meirinhos, concelho de Mogadouro e distrito de Bragança. No EIA do Baixo Sabor (1998), elaborado por Miguel Rodrigues e Ricardo Teixeira, foram ali identificados fragmentos de *tegulae*, *imbrices* e *dolia*, interpretando-se o local como um *habitat romanizado*.



Mapa 1a. Localização da Quinta de Crestelos no distrito de Bragança, concelho de Mogadouro e freguesia de Meirinhos
Fonte: ArcGIS, 2104



Mapa 1b. Localização administrativa da Quinta de Crestelos
Fonte: Carta Militar de Portugal, Folha 119

adaptação do sítio ao longo das centúrias. De igual modo, o espólio recolhido, maioritariamente cerâmico e metálico, reflete uma intrincada dinâmica das populações que aí habitaram. No entanto, após o primeiro ano de escavações arqueológicas intensivas em Crestelos e já com uma considerável área intervencionada, permanecia por desvendar a localização do espaço funcionalmente dedicado aos mortos.

Em 2012, numa pequena elevação a sul da contemporânea Quinta de Crestelos, orograficamente destacada⁹, sobranceira a paisagem envolvente e ligeiramente afastada, da área habitacional, a escavação em área de 606 m² expôs um dos dois espaços funerários¹⁰ identificados, que passou a ser denominada como Necrópole Este.

A área intervencionada denotou um potencial estratigráfico diminuto, resultado da erosão natural dos sedimentos, dos sucessivos revolvimentos decorrentes da



Fig. 1. Vista geral do sítio da Quinta de Crestelos

Fonte: Arte Fotográfica Lda., Maio 2013

⁹ Segundo informação oral de José Seixas (Felgar), na altura o caseiro, numa pequena elevação destacada e sobranceira à paisagem envolvente, a sudeste do núcleo de casas da Quinta de Crestelos e onde se construiu uma cerca de um viveiro de perdizes, teria existido uma capela em tempos mais recuados. No sentido de despistar a informação oral foram ali executadas duas sondagens de diagnóstico, no início de novembro de 2012, sob a responsabilidade científica de Susana Cosme. Nessa intervenção foram identificadas duas sepulturas, pelo que se decidiu alargar a área até cerca de 606 m², com o objetivo de delimitar a possível necrópole.

¹⁰ Durante o acompanhamento arqueológico, *a posteriori*, foi identificado um novo núcleo de sepulturas, cronológica e tipologicamente distintas, que confirmaram pertencer a uma segunda necrópole — a Necrópole Oeste, balizada entre os séculos V-VII (PEREIRA *et al.*, 2015).

atividade agrícola intensiva, da reformulação contemporânea da área em viveiro de perdizes e depois em canil, encontrando-se o substrato geológico de características xistosas em algumas zonas à superfície. Não obstante, neste pequeno outeiro comprovou-se uma dinâmica evolutiva e diacrónica do espaço.

Nesta área foram recolhidos vestígios compostos por vários fragmentos de cerâmica e um machado de pedra polida, cronologicamente balizados entre o Calcolítico/Bronze inicial, infelizmente sem associação direta a estruturas. Não obstante, poderão indiciar uma ocupação antrópica deste outeiro, hipótese, no entanto, que terá que ser encarada com algumas reservas, face à carência de outras evidências arqueológicas. Para os períodos cronológicos posteriores destaca-se uma total ausência de evidências arqueológicas que parecem demonstrar um hiato ocupacional da área, podendo ter sido preterida ou abandonada¹¹. A primeira ocupação efetivamente definida do espaço aponta já para uma funcionalidade dedicada aos mortos. O espaço do necrotério acabou eventualmente, por ficar votado ao esquecimento, denotando-se no outeiro um novo hiato ocupacional. A reutilização do local é retomada apenas no século XVII-XVIII, período em que a Quinta de Crestelos se revitalizou em termos de exploração agrícola. Processa-se uma transformação da paisagem envolvente e do respetivo espaço, tendo sido ali erguida uma habitação de apoio aos trabalhadores



Fig. 2.

Vista geral do outeiro e do viveiro de perdizes, antes dos trabalhos

Fonte: Ana Roriz, *Archeo'Estudos; Arqueologia e Património*, 2013

¹¹ Refira-se, apenas, o fortuito achado descontextualizado, à superfície de um anel de bronze, caracterizado por uma secção semicircular, com asas decoradas com incisões paralelas e mesa elíptica, possuindo uma cartela pontilhada a delimitar o campo epigráfico. Aí é visível uma inscrição: V+V, cuja interpretação poderá ser V(i)V(as) + (Cristo). Este tipo de anel encaixa na tipologia GUIRAUD 2G, cronologicamente balizada entre os séculos V-VII (GUIRAUD, 1989: 173-211).

agrícolas sazonais no outeiro, que destruiu parte da necrópole. No final do século XX, com vista à criação de perdizes, a área sofreu nova reformulação, tendo aí sido edificada uma cerca murada.

A pré-existência de uma capela no topo do outeiro, sugerida pelas fontes orais, não foi possível de confirmar arqueologicamente no decurso de toda a intervenção.

Já no que diz respeito ao necrotério, apesar das reformulações da área dos séculos XVIII e XX, este revelou um conjunto de 33 sepulturas escavadas na rocha, que ocupam uma área espacialmente circunscrita. No processo de escavação destas estruturas tumulares, ficaram expostas inumações primárias e secundárias. Os vestígios osteobiológicos humanos, apesar das limitações inerentes, revestem-se de suma importância, uma vez que, os ossos preservam memórias ontogénicas individuais, consequentemente permitindo reconstruir padrões socioculturais, o perfil paleodemográfico e paleopatológico de determinada comunidade.



Mapa 2.

Implantação das estruturas identificadas no decurso da intervenção

Fonte: Ana Roriz, Archeo´Estudos; Arqueologia e Património, 2013

Tal, como já foi mencionado, as sepulturas foram abertas em solo xistoso, cujas características, em situações pontuais, inviabilizou uma análise adequada e consequente caracterização das estruturas. No entanto, estas apresentavam-se, de uma forma geral, relativamente bem preservadas¹², tendo sido recuperados casos selados com tampa.

Considerando as soluções usadas na selagem dos sepulcros, o parco potencial estratigráfico não permitiu definir se a ausência de cobertura se revestia de intencionalidade ou se, por outro lado, poderia resultar de alterações pós-deposicionais. O sistema de colmatação das estruturas tumulares não ostentava uniformização, recorrendo por um lado, a várias lajes de pequenas e médias dimensões, de formas irregulares, dispostas transversalmente ao túmulo, e por outro lado, a laje única em xisto.

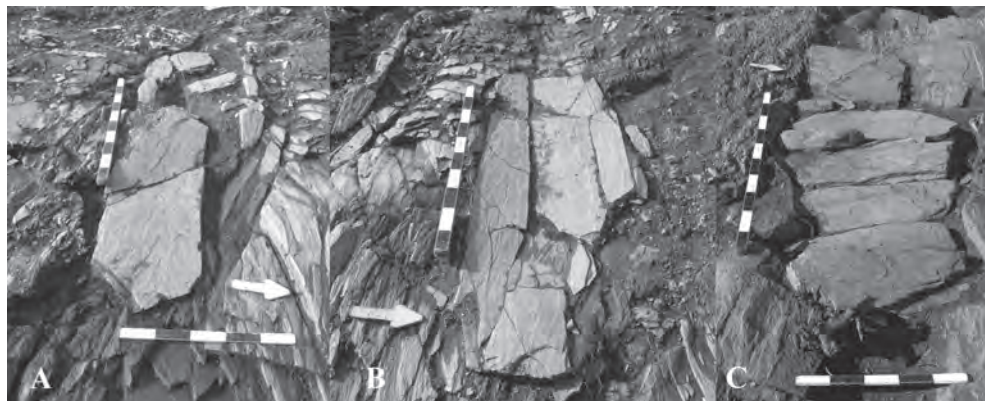


Fig. 3. Diferentes tipos de cobertura usadas na Necrópole Este de Crestelos (a) e b)- lajes de xisto únicas; c) várias lajes transversas ao túmulo)

Fonte: Ana Roriz, *Archeo´Estudos; Arqueologia e Património*, 2013

A grande maioria dos sepulcros ostentavam uma orientação canónica, oeste (cabeceira)/ este (pés), que parece estar intimamente correlacionada com à crença da ressurreição no dia Juízo Final, que determinou, desde o século VII, que a face dos indivíduos teria que estar virada para nascente, direção de Jerusalém. No entanto, surgiram ligeiras variações, nomeadamente nor-noroeste (cabeça)/ su-sudeste (pés) e su-sudoeste (cabeceira)/ nor-nordeste (pés), que, por sua vez, poderão refletir uma sazonalidade da construção das estruturas, sobretudo considerando a variação latitudinal do local do nascimento e pôr do sol em função da estação do ano.

¹² Do conjunto de 33 sepulturas, cinco (5/33; 15,2%) estavam destruídas, 13 (13/33; 39,4%) encontravam-se preservadas sem tampa e 15 (15/33; 45,5%) estavam intactas e com tampa.

Já os enterramentos denotaram uma normalização nos rituais de inumação, tendo os indivíduos sido depositados em decúbito dorsal, maioritariamente com orientação oeste (cabeça)/ este (pés), com os membros superiores fletidos sobre o tórax/abdómen, enquanto que os inferiores estavam estendidos e paralelos. Os enterramentos encontravam-se desprovidos de qualquer espólio funerário ou votivo, tendo



Fig. 4. Exemplo de inumações primárias e secundárias

Fonte: Ana Roriz, *Archeo´Estudos; Arqueologia e Património*, 2013

sido exclusivamente recolhida uma conta de vidro amarelada e opaca do interior de um sepulcro, sem qualquer conexão com o enterramento.

No conjunto da necrópole observou-se, heterogeneidade nas técnicas construtivas aplicadas na elaboração destas realidades funerárias¹³. De facto, apesar da totalidade das estruturas tumulares terem sido integralmente escavadas na rocha, alguns casos foram parcialmente complementados e delimitados por lajes, dispostas nas laterais e/ou cabeceira e pés, configurando, assim, em alguns casos, uma caixa.

Esta diversidade repercutiu-se, de igual modo, na tipologia das estruturas tumulares, assinalando-se a presença de uma maioria de sepulturas não-antropomórficas, a par de sepulturas antropomórficas.

Do conjunto de sepulturas não-antropomórficas, destacam-se as sepulturas de planta ovalada e sub-retangulares, seguindo-se com menor incidência as retangulares e trapezoidais.

No universo das sepulturas antropomórfica, observou-se, igualmente variações, caracterizando-se alguns túmulos por serem simétricos, e outros por denotarem apenas esboço do ombro esquerdo ou direito.

¹³ Tipologia baseada em TENTE, LOURENÇO, 2002.

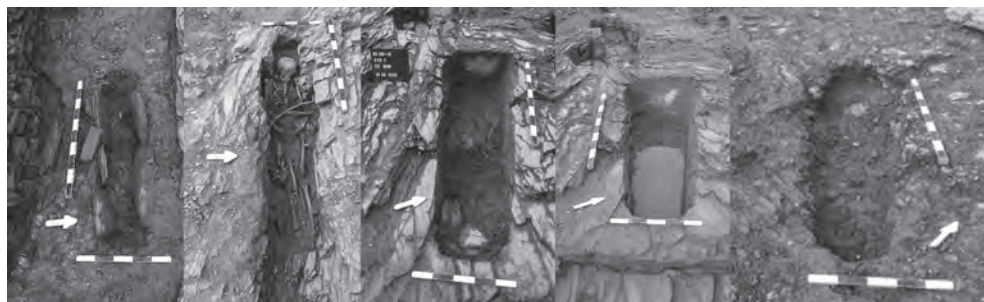


Fig. 5. Diversas tipologias de sepulturas identificadas

Fonte: Ana Roriz, *Archeo´Estudos; Arqueologia e Património*, 2013

A presença de diversas tipologias de sepulturas, em conjugação com a sobreposição de sepulturas¹⁴ e a existência de deposições secundárias, indiciam uma ocupação diacrónica da necrópole, onde em determinadas situações ocorreu a reutilização das estruturas. Não obstante uma aparente ocupação alongada do espaço, esta não se refletiu na organização espacial das estruturas tumulares no seio da necrópole. A existência de vestígios osteológicos humanos associados a diferentes tipologias de sepulturas escavadas, permitiu uma seleção amostral para se proceder a datação através de C14.

Assim sendo, extraíram-se fragmentos de ossos provenientes quer de deposições primárias, bem como de deposições secundárias do interior de uma sepultura antropomórfica, uma sepultura ovalada e outra completada por lajes em cutelo. As datações para a sepultura antropomórfica balizam a sua utilização entre os séculos IX e XI¹⁵, enquanto a sepultura ovalada se enquadra entre os séculos IX e XIII¹⁶, por seu lado, a sepultura antropomórfica parcialmente revestida com caixa aponta para o século XI¹⁷, confirmando, assim, um uso diacrónico das estruturas tumulares.

No que concerne, especificamente, a reutilização de uma mesma sepultura, esta poderá correlacionar-se, por um lado, com a existência de laços familiares entre os indivíduos, ou por outro lado, com um organização e gestão do espaço sepulcral, uma vez que a elaboração deste tipo de estrutura exige determinados e elevados recursos.

¹⁴ Durante a escavação foi possível verificar que a abertura de sepulturas mais recentes afetou parcialmente estruturas pré-existentes, sugerindo que tenha decorrido tempo suficiente que permitisse olvidar a localização das sepulturas afetadas.

¹⁵ Na Sepultura 13, claramente antropomórfica, foram realizadas duas datações de C14, a primeira sobre o ossário [obtida sobre um fémur [UE 1710] – 1130 ± 40 BP (AD880-981 Dat. Calib. 1 Sigma)] e a segunda sobre o enterramento [sobre um fémur direito [UE 1711] – 1055 ± 35 BP (AD 969-1027 Dat. Calib. 1 Sigma)] – Laboratório Groningen/Holanda (L. G.), sob a responsabilidade do Prof. J. van der Plicht.

¹⁶ Na Sepultura 20, ovalada, foram obtidas datações para o ossário (sobre um fémur direito do ossário [UE 1699] – 1030 ± 35 BP (AD 984-1026) Dat. Calib. 1 Sigma) e para o enterramento (obtida sobre o fémur direito da inumação primária [UE 1709] foi 685 ± 30 BP (AD 1277-1300 Dat. Calib. 1 Sigma – L.G.).

¹⁷ Sepultura 3, a datação C14 do ossário (sobre uma tibia [UE 1640] – 975 ± 40 BP (AD 1018-1050 Dat. Calib. 1 Sigma) – realizadas no L.G.

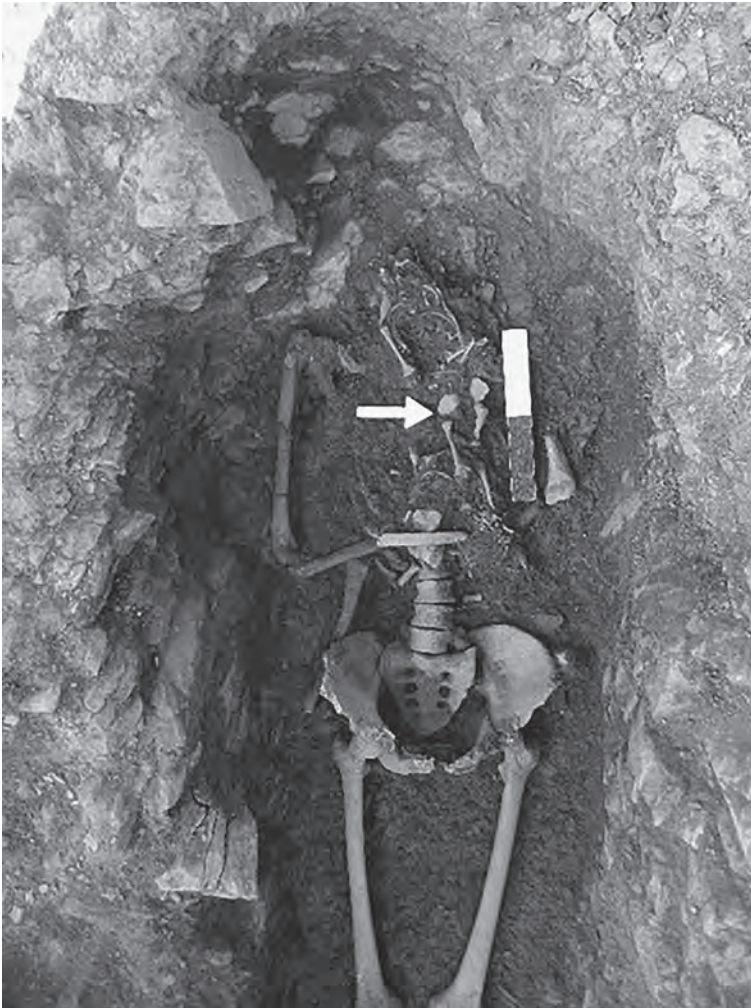


Fig. 6.
Caso de reutilização
de sepultura
Fonte: Ana Roriz,
Archeo' Estudos;
Arqueologia e
Património, 2013

Um outro fator de destaque desta necrópole prende-se com as dimensões observadas nas sepulturas, nomeadamente o comprimento máximo, que ostenta uma oscilação, para as diferentes tipologias, alargada, variando entre um mínimo de 70 cm e um máximo de 211 cm. Realce-se que as sepulturas com comprimentos máximos situados entre os 70 cm e 120 cm de comprimento máximo estarão, muito provavelmente, associados ao sepultamento de indivíduos não-adultos. A existência destes sepulcros associados a crianças leva-nos a questionar qual o papel e como seriam encaradas as crianças no seio destas comunidades rurais. A presença destes sepulcros remete para elementos de estatuto social relativamente elevado, atendendo, ao já preconizado anteriormente, sobre a exigência de recursos necessários para elabo-

rar este tipo de monumentos funerários. A presença de sepultamentos de indivíduos imaturos nesta necrópole, foi, em última instância, comprovada pelas inumações identificadas associadas a estas sepulturas.

Do conjunto de sepulcros intervencionados, apenas 17, continham restos ósseos humanos, que denotavam uma parca preservação, provavelmente resultante do pH ácido dos solos envolventes. A acidez dos solos é uma característica química que contribui fortemente para a degradação do material osteológico, através da corrosão, solubilização e descalcificação do material¹⁸.

O estudo paleobiológico, fortemente limitado pelo estado de preservação, possibilitou estabelecer um diagnóstico sexual em apenas 11 indivíduos, que correspondem a um total de sete mulheres e quatro homens¹⁹. A elevada percentagem de indivíduos para os quais não foi possível determinar a diagnose sexual impede que sejam indagadas ilações. No entanto, refira-se que não se constatou diferenças na prática de gestos funerários que possam correlacionar-se com o sexo dos indivíduos.

Paralelamente à diagnose sexual, procurou-se obter uma estimativa da idade à morte, uma vez que poderá trazer dados relativamente a esperança média de vida, taxa de morbilidade, o que contribui para a compreensão das condições de vida das populações pretéritas. Infelizmente, esta análise, uma vez mais, foi substancialmente condicionada pelo estado de preservação dos restos osteológicos, tendo sido apenas possível aferir com alguma acuidade a idade à morte em oito indivíduos imaturos com idades compreendidas entre os 0 e 13 anos de idade, enquanto que nos adultos apenas se obteve um intervalo etário para dois indivíduos, que teriam uma idade compreendida entre os 21-30 anos²⁰.

No âmbito do estudo morfológico, foi possível determinar a estatura em 3 indivíduos, de sexo feminino, com resultados compreendidos entre os 140,43 cm e os 157,88 cm. Uma estatura reduzida pode ser interpretada como um indicador de condições de vida pouco favoráveis durante o crescimento, nomeadamente resultante de um maior stresse nutricional e exposições a agentes patogénicos²¹.

O exame paleopatológico, que teve por base uma observação macroscópica das peças ósseas, ficou igualmente condicionado. Ainda assim, foi possível observar algumas afeções da cavidade oral, entre as quais se destacam a perda de dentes *ante mortem*, uma baixa incidência de cáries e a presença de tártaro e desgaste dentário moderados, que parecem traduzir alguma precariedade nos cuidados de higiene

¹⁸ NAWROCKI, 1995.

¹⁹ BUIKSTRA, UBELAKER, 1989.

²⁰ FEREMBACH, SCHWIDETZKY, STLOUKAL, 1980; SCHEUER, BLACK, 2000.

²¹ ROBERTS, MANCHESTER, 1995.

oral e uma dieta alimentar, provavelmente constituída por algumas partículas duras e abrasivas, ricas em proteínas e pobres em hidratos de carbono²².

Registaram-se, ainda, escassas evidências de patologias de foro degenerativo, nomeadamente através da presença de artrose e lesões das enteses ligeiras. Uma vez que estas patologias poderão estar a ser subvalorizadas, atendendo ao estado fragmentário da amostra, será mais prudente não estabelecer ilações sobre possíveis atividades desempenhadas pelos indivíduos exumados.

Identificaram-se duas anomalias congénitas, nomeadamente, um caso de espinha bífida oculta no sacro e um outro caso de espinha bífida cística que poderá correlacionar-se com um caso de hidrocefalia, recuperado de uma deposição secundária.

Registou-se, de igual forma, a presença de alguns indicadores de stresse fisiológico, evidenciados através da presença de *cribra orbitalia* e hipoplasia do esmalte dentário, sugerindo que os indivíduos afetados terão sofrido episódios de stresse durante as suas vidas.

O caso da Necrópole Este assume um particular interesse pelo facto de a mesma se ter delimitado e escavado na íntegra e por se poder associar a uma área habitacional, igualmente escavada²³. Desde logo salta à vista a localização das construções habitacionais, implantadas na área mais baixa da plataforma de Crestelos, abrigada e discreta, ao invés da necrópole encimada num outeiro e de considerável destaque na paisagem.

Importa agora integrar este espaço funerário numa escala mais alargada e regional, bem como no âmbito de outras intervenções próximas. O Plano de Salvaguarda do Património do Baixo Sabor contemplou a recolha de informação e a confirmação de dados bibliográficos sobre esta temática na região envolvente ao projeto, nomeadamente nos concelhos de Alfândega da Fé, Macedo de Cavaleiros, Mogadouro, Freixo de Espada à Cinta e Torre de Moncorvo²⁴.

Em pleno vale do rio Sabor, a jusante de Crestelos, teve lugar outra intervenção de um espaço funerário, no sítio de Silhades/Laranjal (Felgar-Torre de Moncorvo). Foram ali exumadas cerca de 200 sepulturas de inumação, em caixa e em covacho, cronologicamente integráveis na Alta Idade Média. A discricção do local de implantação e a dimensão desta necrópole contrastam com o nosso caso, ainda que se possa justificar pela proporcionalidade do núcleo habitacional medieval de Silhades ou pela presença de um edifício religioso.

²² HILLSON, 2001; LAMARQUE, 1991.

²³ O sítio da Quinta de Crestelos foi escavado parcialmente em diferentes fases, empresas e responsáveis, desde 2011. Relacionável com a Necrópole Oeste destacamos a intervenção dirigida por Susana Cosme e João Nisa (PEREIRA et al, 2014).

²⁴ Destaque-se o importante trabalho de recolha bibliográfica, prospeção ou reconhecimento de campo e sistematização de dados desenvolvido por Joan Garibo Bodí no âmbito do «Estudo sobre a Romanização do Vale do Sabor» — PSP do Baixo Sabor (PEREIRA et al, 2014).

Outros espaços funerários intervencionados nesta região revelaram também uma clara homogeneidade cronológica: Necrópole de Vila dos Sinos (Mogadouro, n.º 19) e a Necrópole de Mós (Torre de Moncorvo, n.º 34). No primeiro caso²⁵, a intervenção ocorreu em 1981, os trabalhos desenvolvidos permitiram identificar 36 sepulturas e escavar 14 sepulturas, balizadas entre o século VIII e a Baixa Idade Média. No segundo caso, a intervenção remonta a 2007, tendo sido registadas várias sepulturas escavadas na rocha e exumados, pelo menos, nove esqueletos e dois ossários enquadáveis nos séculos IX-X.

Estes quatro exemplos, intervencionados na região, distinguem-se de muitos outros casos, em que os sepulcros rupestres foram identificados depois de esvaziados ou violados ou desprovidos de informação arqueológico-antropológica. Apesar de relativamente abundantes nos territórios transmontanos, a informação arqueológica ou científica é ainda escassa (Mapa 3).

À semelhança de outros núcleos estudados, também nesta região as sepulturas rupestres, em conjunto ou necrópole, encontram-se associadas a núcleos habitacionais (Silhades, Quinta de Crestelos, Cevadeiras ou Cabeço da Alfarela) ou edifícios religiosos (Silhades, Vila dos Sinos, Necrópole de Mós ou N. Sr.ª dos Anúncios).

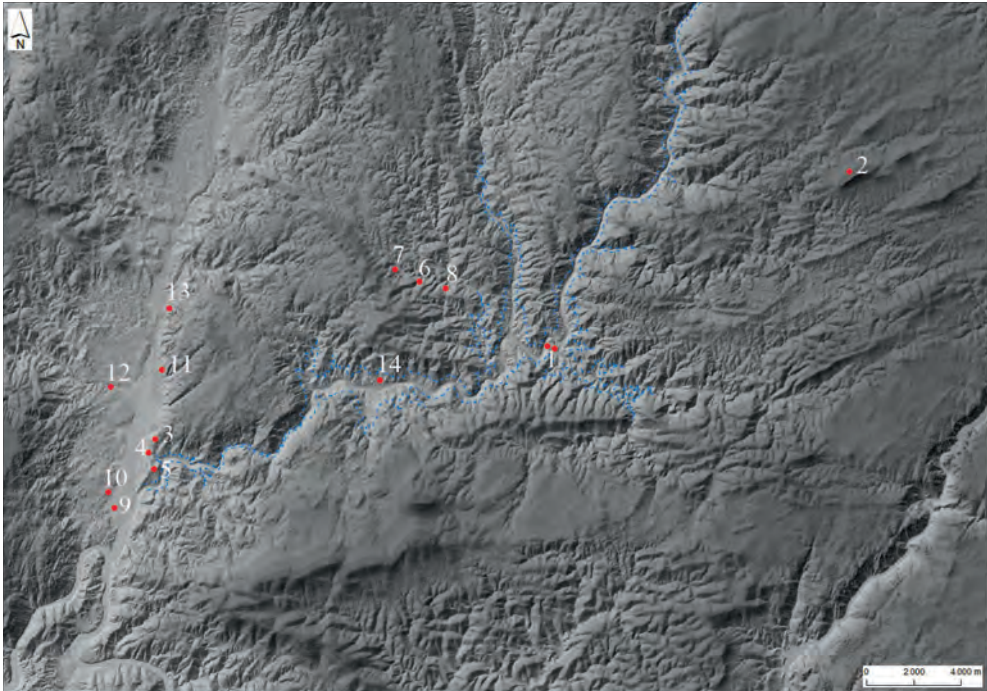
Pontualmente, os espaços funerários parecem derivar ou dar continuidade a uma tradição funerária mais antiga, nomeadamente romana (Quinta de Crestelos, Silhades, N. Sr.ª dos Anúncios). Não podemos desconsiderar que nalguns casos o processo foi inverso e os espaços funerários de tradição tardo romana ou mesmo alto medieval foram sacralizados através da construção de uma capela ou pequeno templo.

Em qualquer dos casos, os necrotérios assumiam um elevado valor simbólico, eram encarados como locais sagrados e em que o destaque na paisagem podia ser secundarizado por outros fatores, como a proximidade com as vias de comunicação, cursos de água ou recursos naturais.

Para terminar, importa ainda destacar o papel das sepulturas isoladas, mais raras ou difíceis de identificar na região. A sua função, mais específica e baseada em outros casos de estudo, poderá relacionar-se com a necessidade de assinalar a propriedade rural. Parecem desempenhar um papel de marcadores de paisagem e de propriedade direta de terrenos férteis ou com outros recursos, não distantes de um *habitat*. Assim, estes sepulcros isolados são ainda mais discretos, parecem associados a uma estratégia de apropriação territorial através do recurso à inumação, como elemento legitimador de posse de uma determinada área produtiva, ao longo do tempo²⁶.

²⁵ LEMOS, MARCOS, 1981.

²⁶ LAINELA CORBERA, ORTEGA ORTEGA, 2015; MARTÍN VISO, 2012a, 2012b; RUBIO DÍEZ, 2013.



Mapa 3. Implantação dos sítios com vestígios de rituais funerários medievos na região envolvente ao Baixo Sabor e Vale da Vilarça: Alfândega da Fé: 1. Fonte Velha, 2. Igreja de Sendim da Serra, 3. Nossa Senhora de Jerusalém, 4. Santa Eufémia Sendim da Serra, 5. Senhora dos Anúncios; Freixo de Espada-à-Cinta, 6. Cabeço da Escória/Mulher de Pedra, 7. Igreja de Ligares, 8. Monte de São Paulo/ Castro de Alpajares; Macedo de Cavaleiros, 9. Bornes/Santa Marta, 10. Castelo de Balsamão, 11. Sobreda; Mogadouro, 12. Igreja de Santa Maria de Azinhoso, 13. Minas da Fonte Santa, 14. Quinta de Crestelos, 15. Núcleo do Castelo e Igreja Matriz de Mogadouro, 16. Quinta do Nogueira, 17. Ribeirinha, 18. Castelo e Vila de Penas Roias, 19. Adro da Igreja de Vila dos Sinos; Torre de Moncorvo, 20. Adeganha/ Igreja Santiago Maior, 21. Baldoeiro, 22. Cevadeiras, 23. Olival das Fragas, 24. Santa Cruz da Vilarça, 25. Vila Maior/Zambulheira/Olival da Rasa, 26. Caminho das Sepulturas/São Pedro, 27. Paredes, 28. São Cristóvão, 29. Silhades/Laranjal, 30. Eira de Santiago, 31. Lamelas II, 32. Santa Eufémia de Felgueiras, 33. Godeiros/Pala do Conde, 34. Necrópole de Mós, 35. Cabeço de Alfrela, 36. Igreja de Santiago, 37. Castelo de Nossa Senhora de Urros, 38. Lameirões/ Santo Apolinário de Urros.

Fonte: Google Earth, 2019

BIBLIOGRAFIA

- ARIÉS, Philippe (1987). *O Homem perante a Morte*. Lisboa: Publicacoes Europa-America, vol. 1.
- ARIÉS, Philippe (1989). *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa: Editorial Teorema.
- BARROCA, Mário Jorge (1987). *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XV)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação para Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.
- BARROCA, Mário Jorge (2008-2009). *De Miranda do Douro ao Sabugal – Arquitectura militar e testemunhos arqueológicos medievais num espaço de fronteira*. «Portvgalia». Nova Série. 29-30, 193-252.

- BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H., ed. (1994). *Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains*. Arkansas Archeological Survey Research Series.
- CUNHA, Eugénia (1996). *Viajar no tempo através dos ossos. A investigação paleobiológica*. «al-Madan». II Série. 5, 131-141.
- DUBY, Georges (2007). *A Idade Média. Uma Idade do Homem*. Lisboa: Editorial Teorema.
- DUDAY, H. et al. (1990). *L' Anthropologie "de terrain": reconnaissance et interpretation des geste funéraires*. «Bulletins et Mémoires de la Société d' Anthropologie de Paris». 2: 3-4, 29-49.
- FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I.; STLOUKAL, M. (1980). *Recommendations for Age and Sex Diagnoses of Skeletons*. In CHIARELLI, A. B., ed. «Journal of Human Evolution». 9: 7, 517-550.
- GUIRAUD, H., (1989). *Bagues et anneaux à l'époque romaine en Gaule*. «Gallia». 46, 173-211.
- HERCULANO, A. (1844). *Eurico o presbítero*. Editora Ulisseia, p. 46.
- HILLSON, S. (2001). *Recording Dental Caries in Archeological Human Remains*. «International Journal of Osteoarcheology». 11, 249-289.
- LAINELA CORBERA, C.; ORTEGA ORTEGA, J. (2005). *Arqueología y poblamiento. La cuenca del río Martín en los siglos V-VIII*. Zaragoza.
- LAMARQUE, C. (1991). *Caries, usure et parodonte d'une population medieval provenant du Quartier Saint-Etienne a Toulouse*. Bordéus: Universidade de Bordéus I.
- LARSEN, C.S. (1997). *Bioarchaeology. Interpreting behavior from the human skeleton*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LARSEN, C. S. (2000). *Skeleton in our closet: revealing our past through Bioarchaeology*. Princeton: Princeton University Press.
- LARSEN, C.S. (2002). *Bioarchaeology : The lives and lifestyles of Pas People*. «Journal of Archaeological Research». 10: 2, 119-166.
- LEMO, Francisco Sande (1993). *Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*. Braga: Universidade do Minho. Tese de Doutoramento.
- LEMO, Francisco Sande.; MARCOS, Domingos (1981). *A necrópole medieval de Vila dos Sinos*. «Cadernos de Arqueologia». II Série. 1, 71-89.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2007). *Tumbas y sociedades locales en el centro de la Península Ibérica en la Alta Edad Media: el caso de la comarca de Riba Côa (Portugal)*. «Arqueología y Territorio Medieval». 14. 21-47.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2012a). *Enterramientos, memoria social y paisaje en la Alta Edad Media. Propuesta para un análisis de las tumbas excavadas en la roca en el centro-oeste de la Península Ibérica*. «Zephyrus». 69, 165-187.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2012b). *Paisajes sagrados, paisajes eclesiásticos. De la necrópolis a la parroquia en el centro de la Península Ibérica* «Reti Medievali». 13: 2, 3-45.
- NAWROCKI, S. (1995). *Taphonomic processes in historic cemeteries*. In GRAUER, A.L., coord. *Body of evidence: Reconstructing history through skeletal analyses*. New York: Wiley-Liss, pp. 49-66.
- PEREIRA, Sérgio et al. (2015). *Espaços funerarios no sitio da Quinta de Crestelos: do Baixo-império à Idade Média (Mogadouro, Portugal)*. In QUIRÓS CASTILLO, J-A.; CASTELLANOS, S., coord. *Identidad y etnicidad en Hispania. Propuestas teóricas y cultura material en los siglos V-VIII*. Vitória: Universidad del País Vasco.
- PEREIRA, Sérgio et al. (2014). *A Romanização do Vale do Sabor: de Meirinhos a Remondes (Mogadouro)*. In DINIS, António, coord. *I Encontro de Arqueologia de Mogadouro*. Mogadouro: Município de Mogadouro, pp. 95-143.
- ROBERTS, C; MANCHESTER, K. (1995). *The Archaeology of disease*. New York: Cornell University Press.
- RUBIO DíEZ, Rubén (2013). *Geografía funeraria, comunidades campesinas y articulación territorial post-romana al suroeste de Salamanca*. In COMPAÑY, G. et al. coord. *Actas de las V Jornadas*

- de Jóvenes en Investigación Arqueológica. Arqueología para el siglo XXI (Santiago de Compostela, mayo de 2012)*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago, pp. 119-125.
- SCHEUER, L.; BLACK, S. (2000). *Developmental juvenile osteology*. London: Academic Press.
- TEIXEIRA, Ricardo; RODRIGUES, Miguel (1998). *Levantamento do património arqueológico no âmbito do Estudo Preliminar de Impacte Ambiental do Empreendimento Hidroelétrico do Baixo Sabor*. [Relatório Final]. Relatório Policopiado, IPA.
- TENTE, Catarina; LOURENÇO, Sandra (2002). *Sepulturas medievais do distrito de Évora*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 5: 1, 239-258.
- WICKHAM, C. (2009). *Una nueva historia de la Alta Edad Media: Europa y el mundo Mediterráneo, 400-800 d. C.*. Barcelona: Crítica.
- WILLIAMS, H. (2006). *Death and memory in Early Medieval Britain*. Cambridge: Cambridge University Press.

